

**ABAETETUBA-PA**
FEIRA DE LIVRE DA CIDADE DE ABAETETUBA: PAISAGEM
PATRIMONIALIZÁVEL¹**Karina Cardoso Nunes**

Graduado em Pedagogia

*Campus Universitário do Baixo Tocantins - UFPA***Ruan Felipe Carvalho Vilhena**

Graduado em Pedagogia

*Campus Universitário do Baixo Tocantins - UFPA***Prof. Dr. Dedival Brandão da Silva**

Doutor em Antropologia

*Campus Universitário do Baixo Tocantins – UFPA/FAECS***RESUMO**

Este estudo é resultado de pesquisa realizada no Município de Abaetetuba, que tem como objeto de investigação analisar a Feira Livre da cidade como paisagens patrimonializável e ambientes da memória e de vivências culturais. A pesquisa é de base qualitativa, busca compreender como esses espaços podem ser compreendidos como instâncias patrimonializáveis. Construo essa reflexão a partir das contribuições dos seguintes autores: Geertz (1978), Silveira e Bezzerra (2006), Costa e Serres (2016), Lemos (1981). Procedimentos metodológicos as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, entrevistas informais, observações de campo e registros fotográficos como possibilidades do trabalho da memória. O resultado da pesquisa revelou que o espaço torna-se paisagem patrimonial por conter em sua territorialidade, elementos característicos como: a memória, história e a identidade cultural, elementos formadores do patrimônio desta respectiva população. Outro resultado revelado foi que o espaço analisado traduz questões de cunho político e social: o trabalho dos feirantes e suas estratégias cotidianas por meio das quais produz e reproduz seus valores sociais construindo sua história cotidiana no contexto da cidade.

Palavras-chave: Paisagem. Patrimônio Cultural. Cotidiano. Feira livre.**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho, intitulado “A Feira Livre de Abaetetuba: Paisagem Patrimonial” é um fragmento de minha monografia, onde aborda o tema do Patrimônio Cultural, relaciona tal patrimônio com o cotidiano, a memória e história dessa cidade, aspectos responsáveis por caracterizar um espaço geográfico como paisagem patrimonial. Dessa forma, apresento reflexões que vão desde a função desses espaços para a manutenção (até certo ponto) da vida cotidiana, por meio das tradições, dos costumes, dos valores dentre outros elementos que ali sejam celebrados, até a forma que utilizam essa territorialidade, como palco de suas ações sociais, delineando toda política diariamente reproduzida nesse local.

Um dos pilares para a realização da presente pesquisa, foi além de obras de autores que tratam o Patrimônio histórico, paisagem cultural, memória e o cotidiano, entre outras fontes documentais. Tomei ainda como base as histórias de pessoas que viveram momentos que hoje só

¹ Resumo Expandido do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Praça de Nossa Senhora da Conceição e Feira Livre: Paisagem Patrimonializáveis”, monografia construída para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.



tem espaço na memória, muitas vezes já bastante vagas, apoiada em suportes de lembrança, como fotos, edificações, cheiros, paisagens, gostos, a lembrança é a sobrevivência do passado, conservando-o no espírito de cada ser humano como sendo imagens-lembranças.

O estudo justifica-se pela importância de reconhecermos os ambientes patrimoniais, e refletirmos sobre as práticas culturais desenvolvidas nesses espaços, paisagens de valor cultural e histórico, que são fontes de conhecimento popular e experiências educativas.

Deste modo, a pesquisa objetivou analisar o espaço da feira livre da cidade de Abaetetuba como paisagem patrimonial e ambiente de vivências culturais, esta, chamada carinhosamente de “Beira” devido sua localização territorial ser as Margens do Rio Maratauíra. Descrevendo os elementos culturais presentes na feira livre, visando identificar a presença do patrimônio.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Vogel (2007, p. 7) o mercado (feira), esse designado pelo autor como “cidades de um dia” “sempre chamou atenção dos viajantes e cronistas, não só como centros de vida social, mas também pelo que ofereciam de pitoresco à contemplação do visitante, ávido de exotismo.” Os mercados possuem em sua estrutura sonoridades e aromas peculiares que conseguem chocar ou seduzir esses sujeitos. Este espaço também é “lugar de encontros, transações, novidades e escandalos”, deste modo, tendo “seu ritmo próprio, sempre mais ou menos intenso, em virtude da aglomeração inqueitação dos corpos e objetos num espaço, que parece, por vezes, demasiado exiguo para conte-los a todos.”

Vogel (2007, p.7) nos fala que “a conversação e o divertimento; as rixas e alterações; as amizades e competições; intrigas, políticas ou amorosas, fazem parte desse movimentado universo onde são intercambiadas mais saudações, informações e estórias do que dinheiro”. Desta forma, o mercado contribui para articulações sociais e culturais. Nesse sentido a Feira da Cidade de Abaetetuba é essa cosmologia de coisas acontecendo tudo ao mesmo tempo, ela torna-se palco dessas ações e sintetiza em seu espaço as atividades desenvolvido por esses sujeitos nessa territorialidade por meio do cotidiano.

Segundo Geertz (1989), “a cultura é a mediação entre o poder e o objetivo de sua ação”. Passa a ser visto como um conjunto se significados transmitidos historicamente, ou seja, incorporados através de símbolos que se materializa em comportamentos. Sem homens certamente, não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria



homens. Ou seja, a ligação da “Beira” com seu processo histórico, trocas simbólicas, entreposto comercial, espaço de vivências diárias, trocas culturais, ponto de encontro, dentre demais adjetivos, encontramos nesta paisagem contruída pelos sujeitos sociais pontos seculares de transições culturais às margens do rio Meruu (Maratauíra), pois nesse processo de ir e vir das embarcações é que a cultura ribeirinha penetra com mais intensidade na cultura de consumo dos visitantes da feira, à medida que repassa saberes e costumes do povo das ilhas e adjacências, torna-se uma paisagem viva sendo desenvolvida por mais de 80 anos.

Nesse sentido, Segundo Costa e Serres (2016, p.160) nos fala que “a paisagem construída nesse espaço, possui significado a partir do vínculo que as famílias e grupos mantêm com determinado lugar”. Dessa forma, o vínculo construído com esse espaço geográfico determina as formas de vida e experiências das pessoas, ao passo que elas adotam o local de sentido com base em suas tradições e histórias, estas, desenvolvidas cotidianamente estabelecendo assim, uma continuidade do passado e de suas tradições.

Segundo Lemos (1981, p. 11), “devemos nos atentar as relações necessárias existentes entre o meio e o artefato, entre o artefato e o homem”. Nesse caso, a sua permanência justifica-se pela ideia ligada ao mercado e a própria história da cidade, a localização da feira apresenta-se como uma justificativa à permanência da mesma, uma vez que ocupa posição estratégica como lugar de trocas materiais e simbólicas.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Esse “espaço de celebração”² é resultado de sociabilidade e labuta desse grupo que evidencia a paisagem da “beira” como expressão cultural, permitindo assim, a emergência de um patrimônio comum, que é vivido diariamente. A feira não é apenas um ambiente de comércio, ela está muito além disso, como narrado nos tópicos anteriores, ela serve também como espaço de sociabilidade, onde os sujeitos buscam muito além de suprir apenas suas necessidade alimentícias. Encontram ali também o alimento psicológico como a sensação de bem estar, ou seja, cada sujeito usa esse espaço de alguma forma que lhe convém.

Privilegiada historicamente, a feira tornou-se o ponto de concentração desses sujeitos, foi a partir dela que o povoado de Abaetetuba começou a desenvolver-se, devido ser um entreposto comercial. Toda transição comercial era realizada ali, a maior parte da população se localizava ali e

² Terminologia usada pelos autores Silveira e Bezzera (2006)



em seu entorno. É esse uso que faz com que o lugar permaneça como um espaço onde a cultura está sempre sendo vivida em seu cotidiano tornando-a um patrimônio vivo. Não refiro aqui apenas sua monumentalidade, suas vicissitudes, sua estrutura, e sim os rituais que ali são celebrados. Por exemplo, nele o religioso e o profano convivem, onde a medicina natural e a medicina científica se relacionam, onde a cultural ribeirinha convive com a cultural estrangeira. A feira é um mundo de relações, é um mundo no qual as contradições sociais convivem cotidianamente.

A “beira” é uma paisagem suscetível de ser patrimonializada, pois a mesma ancora-se em um sistema de aprendizagens cotidianas, onde a interpretação e representação de seu mundo está vinculado a partir do lugar em que são tecidas por seus a gentes sociais, pois um artefato ou uma “edificação” deste local, não estão isentos de significação para o grupo que o vivencia diariamente e cristaliza seus rituais nesse espaço. Isto é, a paisagem construída nesse local, é uma área composta por uma associação distinta de formas, sendo elas, ao mesmo tempo físicas e culturais. Segundo Silva et. al (2007) se: “Partimos da premissa de que a paisagem cultural³ é dinâmica e seus atributos evoluem e se modificam pela ação natural e antrópica, o importante é garantir que os valores se mantenham ao longo do tempo para que as futuras gerações os reconheçam”. (Silva et. al. 2007, p. 300)

Ou seja, as modificações estruturais são notáveis, e a feira continua se transformando e continuará assim, mas o que a torna a feira um símbolo cultural é o sentimento de pertencimento e sua importância para os moradores. São as atividades desenvolvidas nesse espaço que tornam uma paisagem patrimonializável, pois esta paisagem pode ser compreendida por meio das sucessivas relações localizadas entre o homem e o meio em que ele vive, onde a paisagem vai corresponder aos “imperativos da territorialidade e do sentido de pertença, ou seja, à necessidade de inserir a trajetória biográfica não apenas em um eixo temporal, mas também espacial.” (COSTA E SERRES, 2016, p. 161). Isto é, a necessidade aqui inserida está relacionada à produção e reprodução material da vida no espaço da feira, mas que está impregnada de sentidos valores e expectativas edificadas nesse lugar, tornando-se um substrato dessas relações e conseqüentemente se manifesta a cultura: os costumes, hábitos e tradições que envolvem a “beira”.

A cada relato que ouvi na feira mostrava-me o quanto ela é por excelência o esteio da cidade, o tempo pode se passar, décadas irão acrescentar aos anos já vividos pelo local, mas ela

³ Modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado.



continuará com seu mesmo movimento, o ir-e-vir das embarcações, o seu surgimento pela madrugada, produtos continuarão sendo vendidos, fregueses da cidade e das redondezas continuarão a chegar de toda parte, seu mundo de variedade continuará a existir, fregueses da cidade e das redondezas continuarão a chegar de toda parte, seu mundo de variedade continuará sendo uma mistura inigualável, os amores e desamores permanecerão a se encontrar suas mazelas talvez ainda persistam nesse lugar tão simbólico aos olhos de seu povo.

E nem pensem em mudar a feira de lugar, seu moradores com certeza irão protestar, remodifique-a, organize-a, repadronize-a de forma estrutural, mas a sua cultura, seu modo de falar, sua culinária tão atípico aos olhos de estrangeiros, seu modo de organizar seus produtos por setores, suas plantas medicinais, seu paladar para degustar uma carne de jacaré alemão ou capivara, esse você não mudará, pois são parte integrante dessa cultura, que são repassadas de geração a geração, herança da mistura ribeirinha com a cidade, tornando-se elemento desta paisagem e assim assumindo o status de patrimônio cultural da cidade.

CONCLUSÃO

A “beira” de Abaeté é por excelência, o lugar da diversidade cultural. Nela, observei o que comprar, vender ou trocar. Em cima de caixotes ou em pequenas bancas cobertas com lonas azuis, com diferentes tipos de mercadorias, desde alimentos a vestuários, de utensílios a ferramentas de trabalho. A “beira” possui sua culinária, seu modo de vestir, sua linguagem; na “Beira de Abaeté”, seu povo come, bebe, se embriaga, e se caírem, eles levantam; na “Beira de Abaeté” seu povo canta, dança, contam várias histórias, relembram de fatos; na “Beira de Abaeté” seu povo celebra os mais variados encontros, sejam eles de amigos, parentes, de amores ou desamores; na “Beira de Abaeté” se joga baralho, dominó no início de sua noite, na “Beira de Abaeté” o amor transparece, seja ele de amantes, namorados ou apenas por “trabalho”; é na “Beira de Abaeté” que encontramos a síntese da cultura desse povo, só conhece a beira quem a vivencia. A feira é o patrimônio cultural vivo da cidade, ele apresenta-se como patrimônio tangível e intangível, por sua forma de se relacionar, pelos saberes ali construído, pelas vivências compartilhadas, pela forma de se organizar, rotineira do dia-a-dia de cada abaetetubense, mantendo ali seus costumes culturais, durante anos e anos.

A reflexão acerca do Patrimônio Cultural, demonstrado por meio da interpretação do cotidiano, mostrou-me como essa paisagem patrimonial foi surgindo e se construindo através dos relatos de seus moradores e da observação de campo. Assim, reflito a questão sobre: preservação e democratização dos elementos que compõem o patrimônio de Abaetetuba. A ideia da preservação



desses lugares da memória que classifico aqui como paisagens patrimoniais ou patrimonializáveis, são espaços monumentalizados e imaterializado, ambos estão em constante relação com o povo são inerentes à cultura local, porém, precisa ser respeitado a história e a memória que estão contidas ali, e que são rememoradas por seus moradores, e tornam-se elementos da identidade dessa população.

Dessa forma, em relação à feira livre da cidade de Abaetetuba, é um ambiente suscetível de patrimonialização, devido apresentar a prática cultural dessa população. O sentido dessa patrimonialização é encontrada no comportamento e na transmissão dos saberes ali desenvolvidos.

São esses pequenos saberes rotineiros, que nos mostram como a população sobrevive de acordo com suas necessidades, o feirante passa seu conhecimento ao seu filho, as estratégias envolvidas para vender e relacionar-se com seus fregueses, esse mesmo feirante frequenta a igreja de conceição e leva consigo sua prole para comungar aos domingos, ensinando como deve viver e sobreviver em sociedade. Construído por meios dos rituais rotineiros. Assim minha pesquisa tratou-se de uma pesquisa que mostra que o patrimônio é um campo que carrega consigo um sentido educacional e que precisa ser valorizado. Assim, classifico esses espaços como locais suscetíveis de patrimonialização, devido carregarem em sua territorialidade, os elementos formadores da identidade cultural dessa população. E por serem ambientes de conhecimentos, de *saberes* construídos, sujeitos que os constroem, o fazem a partir dos seus próprios saberes, suas próprias estratégias cotidianas, para assim construir suas histórias.

REFERÊNCIAS

COSTA, Luciana de Castro Neves; **SERRES**, Juliane Conceição Primon. **Memória, Identidade e Paisagem Cultural: Interfaces na constituição do patrimônio brasileiro**. São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, p. 158-178, janeiro-junho, 2016.

LEMOS, A. C. Carlos. **O que é patrimônio Histórico**. Editora brasiliense s.a , 1981

SILVA, Aline de Figueirôa. Et. Al. **Os valores patrimoniais da paisagem cultural: uma abordagem para o processo de intervenção**. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 24 - São Paulo - p. 297 - 308 – 2007.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **BEZERRA**, Márcia. **Educação Patrimonial: Perspectivas e Dilemas. Goiânia: 25º Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Vols. 1 e 2, 2006.**

VOGEL, Amo. **Galinha D'angola: iniciação e identidade na cultura Afro-brasileira**. Amo Vogel, Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barros – 3º ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2007.